



**FACULDADE UNIFAMETRO MARACANAÚ  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

**ROSIDELIA MARIA RODRIGUES MATIAS**

**CONTRIBUIÇÕES DO ENFERMEIRO NO CUIDADO À CRIANÇA COM  
AUTISMO: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

**MARACANAÚ/CE**

2022

**ROSIDELIA MARIA RODRIGUES MATIAS**

**CONTRIBUIÇÕES DO ENFERMEIRO NO CUIDADO À CRIANÇA COM  
AUTISMO: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de conclusão de curso II do curso de enfermagem da Faculdade Unifametro Maracanáú como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel, sob a orientação de conteúdo da Profa. Juliana de Freitas Marques.

**MARACANAÚ/CE**

2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por essa conquista e por ter me dado força e sabedoria para superar as dificuldades.

Ao meu ex-patrão, Dr. João França Neto.

À minha mãe Maria Leite Matias (in memoriam) e ao meu esposo Moisés Lima Filho.

À minha filha Patrícia. À minha irmã do coração Marly M. Leite.

Aos meus colegas de turma Ivonize, Rosimeire, Neilton e Marcelo, que tanto me ajudaram.

Aos meus professores e orientadores, por ajudarem nessa caminhada.

À UNIFAMETRO, pela contribuição para a minha formação profissional.

## RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) compromete o desenvolvimento de crianças com menos de três anos de idade. De acordo com a ONU existem mais de 70 milhões de pessoas com autismo no mundo, sendo a maioria delas do sexo masculino. A atuação da enfermagem é crucial no diagnóstico precoce dos sinais e sintomas do TEA, uma vez que a criança autista apresenta dificuldades de interação social, linguagem e coordenação motora, sendo, portanto, fundamental o papel do profissional de enfermagem para estimular a autonomia da criança e assisti-la durante o seu desenvolvimento. O trabalho tem como objetivo geral coletar as evidências disponíveis na literatura sobre a atuação do enfermeiro no cuidado à criança autista, bem como estudar a atuação do enfermeiro na condução do tratamento dos autistas; compreender as especificidades da assistência à criança autista e apontar as contribuições do papel significativo da enfermagem para o desenvolvimento dos autistas. A metodologia utilizada foi revisão narrativa da literatura, feita por meio das bases de dados: *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*, Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e Google acadêmico, utilizando-se para busca as palavras-chaves: “transtorno do espectro autista” ou “autismo” e “enfermagem”. Foram incluídos artigos publicados entre o período de 2021 a junho/2022, em Língua Portuguesa. Os artigos selecionados foram compilados no quadro sinóptico e sua análise foi desenvolvida em abordagem descritiva apresentando como resultados a síntese dos estudos por meio de comparações e destaque de diferenças e/ou semelhanças. Concluiu-se que há uma escassez de publicações sobre a temática sendo necessário o desenvolvimento de pesquisas na área, que há certo desconhecimento por parte dos estudantes e profissionais de enfermagem e, por fim, que é extremamente importante que os profissionais da saúde conheçam sobre o Transtorno do Espectro Autista e utilizem os instrumentos de triagem precoce, a fim de possibilitar o estímulo, acompanhamento, tratamento e melhor desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Cuidados de Enfermagem, autismo, profissional de enfermagem.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2 OBJETIVOS</b>	<b>8</b>
<b>2.1 GERAL</b>	<b>8</b>
<b>2.2 ESPECÍFICOS</b>	<b>8</b>
<b>3 METODOLOGIA</b>	<b>9</b>
<b>4 RESULTADOS</b>	<b>12</b>
<b>5 DISCUSSÃO</b>	<b>17</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo versa sobre as contribuições advindas do papel do enfermeiro no acompanhamento e tratamento das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), visando a explorar a atuação do enfermeiro na condução do tratamento, compreender as especificidades da assistência à criança autista e apontar as contribuições do papel significativo da enfermagem para o desenvolvimento e suavização dos sintomas.

De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU existem mais de 70 milhões de pessoas com autismo no mundo, sendo a maioria delas do sexo masculino (ONU, 2010). Assim, parte-se da seguinte pergunta-problema: A atuação do enfermeiro no cuidado à criança autista produz efeitos positivos, auxilia no diagnóstico precoce e suavização de sintomas?

O Transtorno do Espectro Autista, conhecido popularmente como autismo, é uma síndrome que afeta diretamente o comportamento e a interação social do ser humano (PINTO *et al*, 2016), apresentando-se como uma disfunção fundamentada em três dificuldades específicas: comunicação, sociabilização e imaginação, e é considerado um “Problema de Saúde Pública Mundial” (OPAS, 2017).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019) o define como um transtorno evasivo permanente, sem cura. Contudo, estima-se que a intervenção precoce, por meio de atuação adequada dos profissionais pode promover uma alteração do prognóstico e suavização dos sintomas.

Em 27 de dezembro de 2012, foi publicada a Lei nº 12.764/2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, segundo a qual os autistas possuem as seguintes características: 1) déficit contínuo da comunicação verbal, não verbal e da relação social; 2) dificuldade em desenvolver e preservar relações pertinentes ao seu grau de desenvolvimento; 3) padrões restritos e frequentes de comportamentos motores ou verbais característicos ou ações sensoriais incomuns; e 4) demasiada aderência a condutas e padrões de comportamentos habituais e interesses restritos e fixos (BRASIL, 2012).

Seu diagnóstico é clínico e, em regra, pode ser identificado a partir dos três anos de idade, manifestando-se por meio de atraso no desenvolvimento, reações apenas aos

estímulos sonoros, comportamentos repetitivos, falta de concentração, agitação, irritação, déficit de linguagem e de movimentação (GOMES *et al*, 2015).

A nomenclatura “espectro” é adotada em razão do caráter multifacetado do transtorno, que apresenta distintas manifestações e graus. Pode ser compreendido em três níveis: 1) a criança necessita de apoio, uma vez que se observa grande dificuldade nas interações sociais e de planejamento; 2) traz como maior dificuldade a comunicação verbal e não verbal, aqui as crianças apresentam comportamentos repetitivos e restritos; 3) necessita-se de maior amparo, principalmente pela dificuldade de encarar mudanças e comunicação (NASCIMENTO *et al*, 2018).

É indispensável que o tratamento fornecido seja multidisciplinar, compondo a equipe profissionais das seguintes áreas: enfermagem, fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, neurologia, psiquiatria, pediatria.

No âmbito da saúde da criança, o enfermeiro é responsável por acompanhar o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo até a fase adulta, a fim de evitar influências negativas da fase infantil, atuando por meio de consultas de puericultura e, portanto, pode ser o primeiro a verificar traços do autismo (DEL CAMPO, 2006).

Nesse contexto, destaca-se o papel do enfermeiro, que pode contribuir ativamente no diagnóstico do TEA, por meio de consultas de Crescimento e Desenvolvimento (CD), a fim de analisar sintomas de atraso no desenvolvimento do menor, bem como observando constantemente o crescimento e desenvolvimento e orientando os pais acerca do convívio com a criança (SENA *et al.*, 2015).

Os estudos desenvolvidos por Mapelli *et al* (2018) constataam que a descoberta da doença e o tratamento provocam alterações na vida da criança e dos seus responsáveis e essas mudanças são complexas, uma vez que possuem modificações na dinâmica das relações intra e extrafamiliares.

Por sua vez, a relevância também pode ser constatada na postura assistencial e educacional do profissional de enfermagem, que auxilia os pais e demais familiares na compreensão do diagnóstico e na adoção de técnicas para promover o desenvolvimento cognitivo e motor, tendo em vista que as crianças necessitam de apoio constante, por gozarem de pouca independência e pelas causas da doença ainda serem desconhecidas (MELO *et al.*, 2016).

Desse modo, considerando que, ainda hoje, há exacerbado desconhecimento acerca do autismo, bem como a necessidade de pesquisas sobre o tema, o que corrobora a importância do debate, a fim de promover o acolhimento essencial para o progresso cognitivo, pessoal e social da criança, o objetivo do estudo foi explorar a atuação dos profissionais enfermeiros na assistência prestada às crianças com Transtorno do Espectro Autista e seus familiares.

A escolha do tema e o interesse pela pesquisa se deu em razão da atuação com pediatria no Hospital Infantil SOPAI, que é referência no cuidado a crianças com autismo, e possui neuropediatria especializada em Autismo e TDH.

Por fim, o estudo se mostra relevante, uma vez que poderá contribuir para profissionais, gestores e para a sociedade de maneira geral, resumindo informações importantes para o desenvolvimento de novos estudos sobre a temática e sinalizando a importância da atuação do enfermeiro na condução adequada e empática do tratamento dos autistas e orientação às suas famílias.



## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 GERAL**

- Verificar na literatura o cuidado dos profissionais de enfermagem a crianças com Transtorno Espectro Autista (TEA).

### **2.2 ESPECÍFICOS**

- Explorar a atuação do enfermeiro na condução do tratamento dos autistas;
- Compreender as especificidades da assistência à criança com TEA;
- Apontar as contribuições do papel significativo da enfermagem para o desenvolvimento dos autistas;

### 3 METODOLOGIA

O estudo se deu por meio de revisão narrativa de literatura, visando a construção de uma contextualização para o problema e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa.

Esse método de análise e descrição tem como base informações de estudos já publicados sobre o assunto, selecionados conforme critérios formais e substanciais previamente estabelecidos, com vistas a fornecer uma síntese atualizada e robusta sobre as contribuições do papel do enfermeiro no tratamento da criança diagnosticada com autismo.

Até o momento a produção da pesquisa observou as fases de escolha do tema e hipótese geral, fixação dos critérios de inclusão e exclusão dos artigos e seleção dos artigos a serem analisados e discutidos.

A hipótese geral é a de que o cuidado dos profissionais da enfermagem é essencial e contribui ativamente para a alteração de prognóstico e suavização dos sintomas em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Foram efetuadas consultas nas seguintes plataformas digitais de busca Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e BDENF - enfermagem (Brasil) e na plataforma da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), por meio das palavras-chaves “transtorno do espectro autista” ou “autismo” e “enfermagem”.

Os critérios de inclusão adotados para a seleção dos artigos a serem utilizados: i) artigo científico com disponibilização em meio eletrônico e acesso gratuito; ii) recorte temporal dos últimos 05 anos; iii) língua portuguesa; iv) assunto situado dentro da problemática do tema.

Após a aplicação dos filtros foram localizados 14 artigos. Por conseguinte, foram excluídos os artigos de acesso pago, bem como aqueles que não se adequavam ao tema.

Assim, foram escolhidos os cinco relacionados diretamente ao tema, dentro do intervalo de tempo estabelecido, por ordem de relevância e, após, foram organizados e listados no quadro sinóptico abaixo:

	<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>OBJETIVO</b>
1	2016	INTERVENÇÃO MUSICAL COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO DE ENFERMAGEM A CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL	Franzoi <i>et al</i>	O estudo teve como objetivo relatar a experiência da utilização da música como tecnologia de cuidado em enfermagem às crianças com transtorno do espectro do autismo em um CAPSi.
2	2021	INDICADORES PARA TRIAGEM DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SUA APLICABILIDADE NA CONSULTA DE PUERICULTURA: CONHECIMENTO DAS ENFERMEIRAS	Corrêa <i>et al.</i>	Objetivou-se descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade na consulta de puericultura.
3	2021	O CONHECIMENTO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM ACERCA DOS TRANSTORNOS AUTÍSTICOS EM CRIANÇAS À LUZ DA TEORIA DO CUIDADO HUMANO	Soeltl <i>et al</i>	Analisar, com base nos princípios abordados na Teoria do Cuidado Humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional.
4	2022	DIAGNÓSTICOS E INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: PERSPECTIVA PARA O AUTOCUIDADO	Magalhães <i>et al</i>	Descrever os diagnósticos e as intervenções de enfermagem em crianças com TEA fundamentados em taxonomias de enfermagem e na teoria do autocuidado.
5	2022	PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM SOBRE AUTISMO	Camelo <i>et al</i>	Verificar o nível de conhecimento dos acadêmicos do curso de Enfermagem de uma universidade pública sobre o Transtorno do Espectro Autista.

## 4 RESULTADOS

Observou-se na literatura que os cuidados da enfermagem à criança autista podem proporcionar diversas contribuições, que vão desde o diagnóstico até o tratamento. Nesse sentido, a enfermagem se apresenta como verdadeiro vetor de facilitação e transformação da vida dessas crianças.

O enfermeiro juntamente à criança e à sua família deve identificar os déficits de capacidade de autocuidado e desenvolver os potenciais já existentes, para que sejam capazes de proporcionar melhoria nas práticas de saúde. Pelos trabalhos analisados a seguir expostos, viu-se que condutas de cuidado adotadas pelos profissionais de enfermagem trazem inúmeros ganhos, tais como o uso de recursos audiovisuais, o apoio tecnológico, os programas de treinamento, a escolha de materiais de preferência da criança, etc.

Magalhães *et al.* (2022) observaram que o autismo provoca interferência direta nas habilidades para o autocuidado, além das existentes na aprendizagem, nos vínculos sociais e na autonomia. Diante do desinteresse para a alimentação, banho, higienização íntima e bucal, por exemplo, restou evidenciado o comprometimento dos autistas no autocuidado e nas atividades de vida diária.

A título de exemplo, no que concerne ao déficit no autocuidado para a alimentação foi possível extrair algumas das condutas adotadas pelos profissionais de enfermagem, tais como incentivar a criança a manusear os talheres; encorajar a criança a manter o equilíbrio dos utensílios; estabelecer rotinas alimentares; realizar incentivo positivo durante as refeições; estabelecer regras simples para alimentação; propiciar a participação da criança na escolha dos alimentos; eliminar as distrações externas na hora da refeição; e investigar alimentação seletiva (MAGALHÃES *et al.*, 2021).

Nessa perspectiva, constatou-se a necessidade de os serviços especializados, numa ótica intersetorial, proporcionarem o desenvolvimento de competências básicas para o gerenciamento das próprias necessidades de vida, implicando em esforços assistenciais e familiares voltados para o higienizar-se, vestir-se, comer, pois são posturas que favorecem a independência, a autonomia e de modo geral a melhoria da qualidade de vida (MAGALHÃES *et al.*, 2021).

Convém mencionar que o conhecimento sobre TEA é necessário para diagnosticar precocemente os primeiros sinais de alteração do desenvolvimento da criança, sendo de

grande importância para o início da assistência direcionada da equipe de saúde à criança e à família (NOGUEIRA *et al.*, 2011). Além disso, pode-se reduzir os riscos de manifestações graves, pois quanto antes identificado o transtorno, maiores as chances de adequação do cuidado.

Em que pese a essencialidade desse conhecimento, Camelo *et al.* (2021) identificaram certo desconhecimento dos acadêmicos do curso de Enfermagem de uma Universidade pública sobre o Transtorno do Espectro Autista acerca do tema e concluíram que um dos principais fatores seria a reduzida exposição dos alunos à temática durante a graduação, causando certa insegurança aos futuros profissionais para atuar na oferta de cuidados a indivíduos com autismo. Assim, mostra-se imprescindível uma atenção especial a este tema na graduação, bem como no processo de formação profissional como um todo.

Quanto a atuação do enfermeiro no diagnóstico do TEA, infere-se ser ele essencialmente clínico, a partir da observação da criança, entrevistas com os pais e aplicação de instrumentos específicos, tais como ADI-R, CARS, ABC, ATA e M-CHAT (BACKES *et al.*, 2014). Por sua vez, os estudos realizados por Zanon, Backes e Bosa (2014) apontaram o M-CHAT como o mais adequado clinicamente.

De acordo com Robins (2008, apud MOURA, 2016, p. 26) o teste M-CHAT é um questionário com 23 itens usados para triagem do TEA e seu preenchimento leva aproximadamente 2 a 5 minutos. Foi criado em 1999 pela pesquisadora Dra. Diana Robins e teve sua tradução para o português do Brasil em 2008, pelas pesquisadoras Mirella Losapio e Milena Pondé, tendo sido validado em 2011 pelo pesquisador Castro-Souza.

O teste abrange questões sobre desenvolvimento infantil relacionado à parte motora, linguagem e interação social, é respondido pelos pais ou responsáveis pelas crianças, não oferece nenhum risco e é recomendado para a faixa etária de 18 a 24 meses de idade. Seus benefícios estão na sua alta sensibilidade para rastrear o autismo, podendo também contribuir para direcionar os casos que apresentarem resultado negativo (KLEINMAN *et al.*, 2008; ROBINS, 2008).

Acrescenta-se que para o diagnóstico são utilizados também indicadores comportamentais, como a presença de movimentos estereotipados, insistência tátil ou visual, rotinas rígidas, ecolalia e expressividade emocional limitada (BRASIL, 2014). No entanto, a avaliação da criança com suspeita de TEA não se restringe ao diagnóstico, mas objetiva identificar as potencialidades da criança e de sua família.

A avaliação deve ser realizada por uma equipe multiprofissional, visto que a identificação dessas potencialidades e dos respectivos comprometimentos é primordial para que se possa traçar um Plano Terapêutico Singular para o melhor desenvolvimento da criança (BRASIL, 2015).

Tendo em vista que conhecimento é a base do cuidado, complementando a temática, Soeltl *et al* (2021) verificaram que o conhecimento dos profissionais de enfermagem é escasso, demonstrando um despreparo e insegurança ao cuidar dessas crianças. Ainda, as autoras identificaram que o problema vem desde a sua formação profissional, fazendo-se necessário estímulo a produção de novos estudos acerca do tema, em razão da relevância no cenário de saúde atual.

Os autores realizaram estudo por meio de entrevistas com dez profissionais da equipe de enfermagem: quatro enfermeiros, um técnico de enfermagem e cinco auxiliares de enfermagem. Oito profissionais referiram experiências com crianças com TEA, enquanto dois profissionais referiram não ter nenhuma experiência.

A relação estabelecida pelo enfermeiro com a criança autista é de suma importância, pois quando a criança apresentar dificuldade de comunicação, ele deve exercer assistência diferenciada e cuidadosa, por meio da escuta ativa. Além disso, há consenso na literatura de que a assistência de enfermagem é crucial no acompanhamento da criança com TEA desde o seu diagnóstico até às intervenções terapêuticas (Sena *et. al*, 2015).

No mesmo sentido, Corrêa *et al.* (2021), após entrevistarem enfermeiras sobre os indicadores de triagem do TEA, constataram que as profissionais identificam nas crianças sinais de alterações no desenvolvimento infantil em suas consultas de puericultura mesmo sem conhecer os instrumentos de triagem precoce e que quando oportunizada a aplicabilidade dos Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI), este foi descrito como de fácil utilização e grande relevância nas consultas de puericultura.

O IRDI ou Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil foi criado e validado por um grupo de especialistas brasileiros, é composto por 31 indicadores de bom desenvolvimento do vínculo do bebê com os pais, distribuídos em quatro faixas etárias de zero a 18 meses, para observação e perguntas dirigidas ao cuidador. (BRASIL, 2014).

Na pesquisa de Corrêa *et al* (2021) os autores objetivaram descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade na consulta de puericultura, por meio de uma

pesquisa descritiva, qualitativa realizada com nove enfermeiras da ESF em um município do Norte de Santa Catarina. Para tanto, utilizaram a análise temática para categorização e análise dos dados e os resultados foram construídos em três categorias: conceituando o TEA, descrevendo a importância da triagem precoce e vivenciando a assistência às crianças com TEA (CORRÊA *et al.*, 2021).

É importante destacar que as publicações científicas nacionais sobre o cuidado a crianças com diagnóstico de TEA desde as perspectivas de sua família não condizem com a demanda do país diante dos informativos oficiais, o que é negativo, pois é clara a contribuição da enfermagem na assistência de crianças autistas, envolvendo práticas de cuidados e suas respectivas famílias (LIMA *et al.*, 2021).

Cabe ao enfermeiro, em conjunto com a equipe de enfermagem e multiprofissional, auxiliar a criança e a família a enfrentarem e se adaptarem às pressões causadas pelos TEA (DARTORA *et al.*, 2014, p. 27-38 apud SOELTL *et al.*, 2021, p. 4).

Mencionou-se a existência de diversos instrumentos específicos para o diagnóstico do TEA, apontando-se, inclusive, a preferência pela utilização do M-CHAT adaptado para o português no ambiente clínico, que pode se dar por médicos e não médicos. Contudo, é preciso ressaltar a urgência de um instrumento que seja construído com base na realidade brasileira (BOSA, 2016 apud LIMA *et al.*, 2021, p. 05).

Nesse sentido, constata-se que desenvolver estratégias eficientes para a avaliação do TEA possibilita o bem-estar individual e coletivo daqueles que convivem com o transtorno, sendo necessários instrumentos adequados e profissionais habilitados para tal avaliação (STEYER, 2018).

Franzoi *et al.* (2016) afirmam que a música tem sido cada vez mais utilizada no cuidado a crianças com transtorno do espectro autista e concluíram que a intervenção musical favoreceu e orientou novas experiências lúdicas, sensoriais, motoras e de linguagem e interação de crianças com transtorno do espectro do autismo, pois possível abarcar a tríade de alterações – interação, comunicação e comportamento – de forma lúdica e musical.

Embora a música tenha um enorme potencial é preciso ter cautela pois em determinadas situações, dependendo das condições em que é utilizada/aplicada, pode apresentar-se como um elemento iatrogênico. Tal situação foi perceptível quando algumas crianças tapavam os ouvidos com as mãos e faziam expressões faciais de incômodo ao sentirem incomodadas com os sons e vibrações (FRANZOI *et al.*, 2016).

Por isso, é crucial que os profissionais de enfermagem aprofundem conhecimentos específicos sobre métodos e estratégias do uso da música terapêutica em saúde mental para ampliar a sua utilização no cuidado às crianças e para isso são necessários novos estudos e investigações que contribuam com o desenvolvimento e ampliação da utilização da música como recurso terapêutico no cuidado em enfermagem e saúde (FRANZOI *et al.*, 2016).

Argumenta-se que, apesar da intervenção musical ser adotada desde o século XIX no cuidado de enfermagem, a literatura ainda carece de estudos que investiguem a efetividade desse recurso, a fim de fundamentar o uso dessa intervenção como uma prática baseada em evidências (FRANZOI *et al.*, 2016).

Após comparar os estudos presentes nos artigos selecionados, observou-se, de modo unânime, a importância de os profissionais da saúde conhecerem sobre o Transtorno do Espectro Autista, utilizarem os instrumentos de triagem precoce, bem como fazerem uso de intervenção musical e outras tecnologias, a fim de possibilitar o estímulo, acompanhamento, tratamento e melhor desenvolvimento infantil às crianças com TEA.



## 5 DISCUSSÃO

O estudo foi baseado em cinco artigos, publicados nos últimos cinco anos, selecionados após a utilização dos filtros descritos na metodologia, e abordam a temática de cuidados da enfermagem à criança com transtorno de espectro autista (TEA). Ressalta-se que todos eles se encontram inteiramente disponíveis nas plataformas citadas.

O Transtorno do Espectro Autista compromete a autonomia, o comportamento, a aprendizagem e outras capacidades das crianças, interferindo diretamente em seu autocuidado, na sua relação com as outras pessoas, com a própria família e com o mundo. É nesse cenário que emerge a importância do papel do enfermeiro(a), profissional integrante da equipe multidisciplinar que deve auxiliar o autista e sua família desde o diagnóstico e durante o tratamento.

Viu-se que as ideias dos autores supracitados convergem quanto à importância do acompanhamento da criança autista nas redes de serviço em saúde, principalmente por um profissional de enfermagem, ao qual compete monitorá-la e assisti-la durante todo o seu crescimento e desenvolvimento desde o diagnóstico.

O autocuidado deve ser estimulado na criança, pois proporciona autonomia, e a utilização de musicoterapia e outros recursos estimula a aprendizagem e potencializa a criatividade, coordenação motora, concentração etc., podendo diminuir os problemas de interação.

Contudo, verificou-se que se faz necessária uma intervenção na seara de conhecimento tanto dos acadêmicos de enfermagem quanto dos profissionais que já atuam na área para que ampliem as informações acerca do transtorno e possam contribuir mais ainda na prestação de cuidados,

Os autores (SOELTL *et al.*, 2021; CORRÊA *et al.*, 2021) expuseram que os enfermeiros(as) identificam nas crianças sinais de alterações no desenvolvimento infantil em suas consultas de puericultura mesmo sem conhecer os instrumentos de triagem precoce, mas que é de grande relevância a ampliação desse conhecimento, que ainda se encontra em desenvolvimento.

Quando há uma correlação entre o conhecimento e uma assistência acolhedora por parte dos profissionais de enfermagem é possível obter grandes ganhos para o

desenvolvimento da criança. Esse desenvolvimento também pode ser observado na perspectiva do autocuidado, que se relaciona ao incentivo à autonomia do autista.

Sendo assim, conclui-se que a enfermagem tem um papel essencial no diagnóstico e tratamento do TEA, elaborando planos de cuidados, introduzindo maneiras terapêuticas e estimuladoras a serem desenvolvidas com crianças autistas e assumindo destaque na orientação dos pais e familiares em geral dessas crianças sobre as diversas formas de estimulá-las no dia a dia.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal foi verificar na literatura o cuidado dos profissionais de enfermagem a crianças com Transtorno Espectro Autista (TEA). Ademais, também se analisou o conhecimento desses profissionais acerca do tema, inclusive na perspectiva dos estudantes, uma vez que o cuidado prestado pela enfermagem auxilia a criança no seu desenvolvimento e busca por autonomia.

Em razão do recorte temporal da pesquisa e dos demais filtros aplicados foram selecionados apenas cinco artigos, os quais tiveram como principais temáticas o cuidado/assistência exercida pelo enfermeiro(a) a crianças autistas e o conhecimento dos estudantes e profissionais de enfermagem acerca do TEA.

Viu-se que as estratégias empregadas no cuidado a essas crianças junto ao diagnóstico precoce são grandes aliados no desenvolvimento do autista no processo de assistência, uma vez que quanto antes identificado, mais exitosos podem ser os resultados, por meio da intervenção musical, do uso de recursos audiovisuais, do apoio tecnológico, dos programas de treinamento, da escolha de materiais de preferência da criança, etc., como potencializadores do desenvolvimento da autonomia e da comunicação da criança autista, podendo provocar diversas mudanças de comportamentos.

De outro modo, também foi possível verificar os entraves a uma assistência efetiva por parte da enfermagem, quais sejam, a falta de conhecimento acerca do TEA; a ignorância quanto as práticas interventivas e quanto aos instrumentos de diagnóstico, além do déficit na qualificação para cuidar de crianças autistas.

Diante do que foi discutido, pode-se observar que o TEA é um problema que necessita da assistência de enfermagem no diagnóstico precoce, bem como durante todo o desenvolvimento da criança, minimizando os sintomas, estimulando linguagem, coordenação motora, autocuidado e relações sociais; cabendo também ao profissional dar apoio e orientar a família.

Conclui-se que o assunto é urgente e carece de discussão, pois o desconhecimento da temática pelos estudantes e profissionais de enfermagem é prejudicial para a sociedade em geral, uma vez que a assistência de enfermagem prestada a criança autista é de suma importância e em consonância com uma equipe multiprofissional garante o atendimento integral nas mais diversas vertentes desta criança, proporcionando qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Brasília, 2012. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838publicacaooriginal-138466-pl.html>. Acesso em: 28 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo (TEA). Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CAMELO IM *et al.* Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre autismo. **Enferm Foco**. 2021;12(6):1210-6.

CORRÊA *et al.* Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Rev. APS**. 2021 abr.-jun.; 24(2): 282-9.

DEL CIAMPO, L. A. O Programa de Saúde da Família e a Puericultura. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 739-743, 2006.

FRANZOI, Mariana André Honorato et al. Intervenção Musical Como Estratégia De Cuidado De Enfermagem A Crianças Com Transtorno Do Espectro Do Autismo Em Um Centro De Atenção Psicossocial. **Texto & Contexto - Enfermagem [online]**. 2016, v. 25, n. 1.

GOMES PT et al. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Revista Jornal de Pediatria. Rio de Janeiro**, v. 91, n. 2, p. 111-121, mar/abr. 2015.

LIMA *et al.* 2021. **Cuidados à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão narrativa**. **Revista Internacional de Apoyo a la Inclusión, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad**. Vol. 7, n. 2, jun, 2021, ISSN: 2387-0907. P. 63-73.

MAGALHÃES JM et al. 2022. Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado. **Rev. baiana enferm**. 2022.

MAPELLI, L. D. *et al.* Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Esc Anna Nery**, v. 22, n. 4, p. 1-9, 2018.

MELO, C. A. et al. Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo. **Mostra Interdisciplinar do curso de enfermagem**. Quixadá, v. 2, n. 2, p. 1-7, dez. 2016.

MOURA, Conceição de Maria Aguiar Barros. Rastreamento do transtorno do espectro do autismo na consulta de enfermagem com a aplicação do M-CHAT. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Porto Alegre: 2016; p. 13-46.

NASCIMENTO, Y. C. M. L. et al. **Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família.** Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, v. 32, p. 1-12, 2018.

NASCIMENTO et al (2018). TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DETECÇÃO PRECOCE PELO ENFERMEIRO NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA. *Revista Baiana de Enfermagem*, 2018.

NOGUEIRA MA, RIO M, MOREIRA SC. A família com criança autista: Apoio de enfermagem. **Rev Port Enferm Saúde Ment.** 2011; 5:16-21.

ONU (Organização das Nações Unidas). É necessária uma maior conscientização e compreensão do autismo, diz chefe da ONU. 2010. Disponível em: <<https://news.un.org/en/story/2010/04/334362-greater-awareness-and-understanding-autismn-eded-says-un-chief#.WNtOnRiZPVo>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde). **Folha informativa-transtorno do espectro autista.** 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098>. Acesso em: 09 set. 2021.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto, diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem.** Rio Grande do Sul, v. 37, n. 3, p. 1-9, set. 2016.

SENA, R. C. F.; REINALDE, E. M.; SILVA, G. W. S; SOBREIRA, M. V. S. **Práticas e conhecimentos dos enfermeiros sobre o autismo infantil.** J Revista Fundamentos do Cuidado, v. 7, n. 3, p. 2707-16, set. 2015.

SOELTL *et al.* O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. **ABCS Health Sci.** 2021;46:e021206.

STEYER, S. 2018. A importância da avaliação de programas de capacitação para identificação dos sinais precoces do transtorno do espectro autista – TEA. *Trends Psychol.*, Ribeirão Preto. v.26, n.3, p.1395-1410.

ZANON, Regina Basso; BACKES, Bárbara; BOSA, Cleonice Alves. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 30, n. 1, 2014.